

REVISTA ELEITORAL

PUBLICAÇÃO MENSAL ESPECIALIZADA

Redação :

AVENIDA NILO PEÇANHA N.º 12 - 8.º and.
Grupo 802 — Tel. 42-5737

Rio de Janeiro — Janeiro e Fevereiro de 1954

ANO III

VOLUME

BIblioteca N.ºs 1 & 2.

SUMÁRIO

ENTRADA	
N.º	DATA
449	10.4.1972

OBRIGATORIEDADE DO VOTO

MINISTRO EDGARD COSTA

ELEIÇÃO INDIRETA DE PREFEITO

DESEMBARGADOR FREDERICO SUSSEKIND

ORAÇÃO A BANDEIRA

MANDADO DE SEGURANÇA

PRAZOS JUDICIAIS

SUPLÊNCIA

JURISPRUDÊNCIA

ORAÇÃO À BANDEIRA

PRONUNCIADA NO TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL,
NA SESSÃO DE 19 DE NOVEMBRO ÚLTIMO, PELO
MINISTRO PEDRO PAULO PENNA E COSTA

"Sr. Presidente.

O Brasil comemora hoje sua imaculada Bandeira, no 64.^o aniversário da forma republicana, adotada, que foi, pelo Decreto nº 4, de 19 de novembro de 1889.

A designação, com que, improvisamente, V. Excia. houve por bem distinguir-me, para saudá-la, aqui, solenemente instalada, por iniciativa patriótica de V. Excia., pecou, no entanto, de uma dupla imprevisão: o desacêrto da escolha, recaindo no menor dos Juízes, dentre a Plêiade dêste Eminentíssimo Conselho, e a sufocante exiguidade do prazo, de uma a outra sessão, para a indispensável pesquisa e o caldeamento de tamanho assunto.

Mas se ingentes são as dificuldades para um original e satisfatório desempenho da honrosa tarefa, maior, muito maior é o enlevo do tentame, — tão alto se alevanta o coração brasileiro, tão amplo se expande o amor do patriota, só no excogitar o que dizer, como possível, em oração à sua Bandeira. Inebriante é, com efeito, o miticismo da Pátria. Até quando angustia, causa prazer indizível, porque ela, a Pátria, não é só o amor à terra, cuja recordação nunca se extingue. Não é apenas o Céu transparente, que a recobre, — de dia, como um zimbório de safira, e como um pálido de constelações, à noite. Não são unicamente as verdes águas espumarentas, que lhe banham, de norte a sul, o cenário da costa ininterrupta, nem as torrentes impetuosas, nem os veios cristalinos e doces, que, murmurantes, a irrigam e desseccam; o humus vivificante, que a fecunda; as riquezas do solo e subsolo; a policromia da flora; a esquisita variedade da fauna; a beleza e magnificência da raça; o gênio filosófico e inventivo do

povo; os milagres do trabalho: no enceleirar das searas; na multiplicação dos rebanhos; na entrosagem e estrépito das máquinas, — arando os campos, amanhando os vergeis, dissecando paues, abatendo florestas, edificando cidades, perfurando montanhas, rasgando rodovias... Não é só a Família e o conforto, nem somente a fartura e o prestígio, nem apenas riqueza e poder. Nem a arte só, e a ciência. Pátria é o conjunto e a impressão de tudo isso. De tudo isso, e mais da Religião, da moral e dos costumes. Tudo isso, mais o passado e a tradição. Mais conquistas e glórias. Mais as leis e o direito. E mais o Estado, com suas Fôrças Armadas, com suas instituições liberais, com sua Justiça e seus símbolos. E mais o ideal e o futuro. Mais o amor e o idioma de seu povo. Tudo isso, e a impressão de tudo isso é que é a Pátria.

O pavilhão impoluto que a simboliza, e que, dêste instante feliz, passa a santificar êste recinto, pode também interpretar-se como sugerindo a majestática impassibilidade da Justiça, no equilíbrio estável de fôrças das figuras geométricas, que o legislador preferiu. Maravilhas do Céu e da Terra! Esmeralda, oiro e turquesa. Círculo, losango e paralelogramo. E no círculo — eu, antes, d'ira esfera, com evolução e revolução —, sob a vigilância da fulgurante Canopus, e nimbada do esplendor perene do Cruzeiro, cingindo a imensidade azul, de extremo a extremo, — a maior síntese político-administrativa que a mente humana formulou, do famoso «slogan» Contecano, e que, em polo religioso, lembra aquêlè outro prodígio moral do maior dos filósofos e mais sublime dos Mestres. Só na ordem e progresso do Estado, em independência e harmonia dos três Poderes, lograrão implantar-se e frondejar, realmente, em abundância de meses, o amor recíproco dos homens e a tolerância generosa e fraternal.

Há, no entanto, fases de inquietação no crescimento dos povos, nas quais não conseguem os govêrnos prover a tudo e a todos contentar. Surgem, então, as lutas pelos direitos supostamente postergados. Ouvem-se clamores contra a tirania. Combate-se em prol da Liberdade.

O certo é que deve o Estado, na indefectível harmonia dos três Poderes, manter a ordem, que é o clima natural da liberdade.

Se aquela a esta não exclue, antes deve incluí-la e assegurá-la, não há quem sustente possa a liberdade subsistir na desordem. Primeiro, e por força, tem que ser a ordem, na qual o Estado conceitua, define, e protege, legalmente, a liberdade.

A liberdade, porém, haurida em demasia, desvaira, como filtro embriagador. E, assim, maior tirania será liberdade sem ordem do que ordem sem liberdade. O primado da ordem, com liberdade restrita, por mais intolerável à sã democracia, por mais repugnante ao gosto ocidental, pode, no entretanto, garantir a vida e a propriedade individuais, fomentar a prosperidade coletiva, desenvolver a cultura do povo, exacerbar-lhe o patriotismo, levá-lo até a construir impérios.

Mas o despotismo de uma falsa liberdade é, sobre estéril, destrutivo. Gerou, na França, o pesadelo do medo. Propagou o temor pânico de intrigas, persiguições e violências. Instituiu o Terror. Asfixiou as almas, e empeçonhou os caracteres, com a exibição atrás da guilhotina. Propicia ambiência à expansão metódica da ganância, perturba e desorganiza o trabalho, facilita a absorção da economia popular, para o entesouramento incontinente, que impõe a vassalagem do poder econômico.

"Government is not the sole enemy of freedom", observou, fundamentadamente, Morris L. Ernst, no seu substancioso "The First Freedom". «O poder econômico concentrado, salienta êle, age também como constritor do pensamento». O autor revela que muito consumiu de sua vida, em lutas por êsse inalienável direito, — por sua libertação dos «contrôles» do Estado. «Concluí que agiramos esplendidamente no afastamento do govêrno de seu histórico papel de ama-sêca do espírito humano».

"However, I have recently concluded that far more is kept from our minds by lack of diversity of ownership of the means of communication than by government interference".

O segundo grande Roosevelt havia dito, ao Congresso dos Estados Unidos, em janeiro de 1941:

REVISTA ELEITORAL

"In the future days, which we seek to make secure, we look forward for a world founded upon four essential freedoms.

The first is freedom of speech and expression everywhere in the world".

"Mas se temos de colaborar nas bases de um entendimento entre os homens de tôdas as nações", ponderou Ernst, em 1946, "devemos, primeiro, limpar nossa própria casa". E encerra a primeira série de suas impressionantes considerações com êste prognóstico sombrio:

"Then freedom, as we have known it, will vanish from our nation".

O idealismo brasileiro sempre se acrisolou em democracia e liberdade. Ainda Colônia, doía-lhe, sobremaneira, a sujeição. O Primeiro e o Segundo Império sagraram, em atos corajosos de renúncia, a Independência e a Abolição. Tiradentes e D. Pedro I. D. Pedro II, o estadista filósofo, cujo reinado foi longa afirmação de tato, suavidade e justiça. Possibilitou Castro Alves, José do Patrocínio e a Magnânima Princesa. Do poeta, sabe-se que preferiu antes houvessem "roto na batalha" o glorioso "auri-verde pendão", do que vê-lo servir "a um povo de mortalha". Do tribuno, ainda nos chegam os ecos do verbo libertador, altissonante. De Isabel, não há mais quem lamente o gesto humanitário. A República e a Revolução de 30 reafirmaram as velhas diretrizes, definitivas, no sentido democrático, e implantaram as mais nobres conquistas liberais, para garantia dos direitos fundamentais do homem e do cidadão. Da Constituição de 46, disse eu em louvor, neste Egrégio Plenário:

"Partindo de que todo o poder emana do povo, axioma que se impôs com os paroxismos da Revolução Francesa, e vem, impertérrito, contrastando a tôdas as formas odiosas de egoísmo, nossa Carta-Magna prescreveu, sem a menor dúvida, que em seu nome será exercido. Proposição feliz, expressa em conquistas plasmadas sem carnificinas e retaliações — um dos mais nobres característicos da mística brasileira —, e que, na forma republicana

representativa, na organização democrática dos poderes do Estado, no *habeas-corpus*, no mandado de segurança, no juri, além de outros florões que esplendem nos direitos e garantias individuais, ostentam seus mais belos paradigmas. Estes, no entanto, empalidecem, diante da soberana afirmação de que o Brasil jamais se empenhará em guerra, cabendo, ou não se malogrando o recurso ao arbitramento ou aos meios pacíficos de solução do conflito, regulados por órgão internacional de segurança, de que participe; e de que em nenhum caso "se empenhará em guerra de conquista, direta ou indiretamente, por si ou em aliança com outro Estado".

"No que concerne, entretanto, à nossa paz interna, à nossa fraternidade doméstica, sobreexcelem os culminantes princípios de Justiça Social, que se alcançaram na vanguarda dos outros povos, o voto secreto obrigatório e a Justiça Eleitoral".

Tu, Símbolo Augusto, em sucessivas metamorfoses, e sempre Bandeira de minha Pátria, em sua perenidade através dos regimes, — no Império e na República, presidiste à glória ímpar desses fastos. Fôste gerada com o júbilo do 7 de Setembro e te canonizaste com a Descida da Cruz do 13 de Maio, — por nossa Independência e pela redenção dos cativos. Beijaste a fronte idealista da República e as duas faces do rosto másculo da Revolução. Tiveste o privilégio de acompanhar, desde a infância, os primeiros passos de um povo que agora se agiganta, — estando ainda em plena adolescência! Só tu tiveste essa ventura de acolher nas tuas dobras sacrossantas as mais nobilitantes conquistas, tôdas realizadas sem expurgos e morticínios. Jamais fruíste a paga dos teus triunfos militares com a anexação da gleba, ou com o suor do rosto dos vencidos, senão que da Glória compartilhaste por amor da Liberdade, em devoção à Democracia.

Tu, Benfasejo Estandarte, Misericordioso Lábaro, terás, como recompensa, a auréola de outros novos e virentes louros, porque teus filhos ainda estão na adolescência, e "mil anos são de um povo a juventude", no decassílabo impecável do maior dos can-

REVISTA ELEITORAL

tores amazônicos. * Teu povo, que já é o maior de língua latina, jamais conhecerá velhice e corrupção, porque sempre manteve e manterá, com o mesmo e nobre orgulho, as virtudes e a fé, que lhe foram transmitidas, — e só "é velha uma nação quando a virtude perdeu, é velha quando já não crê",* na proposição verdadeira do conceituoso poeta.

Tu, Nume Inspirador, partilharás da sagrada missão dos juízes dêste Areópago: Forjarás, com eles, na ordem eleitoral, a paz política. E suas decisões, terminativas, constituirão o Missal da Democracia Brasileira, no ofício e celebração do culto cívico mais alto, — o da Realeza do Povo, através de seu voto perfeito.

Bem hajas, e bendita sejas!"

* PAULINO DE BRITO — Gramático e filólogo; orador, polemista e jornalista notável. Foi o poeta mais brilhante e substancioso da Amazônia. Autor, entre outras excelentes composições métricas, da primorosa elegia "Rio Negro", nos "Cantos Amazônicos", e "Brasil e Portugal", poemeto de intensa inspiração e esmerado labor, do qual foram extraídas as duas passagens aspeadas. — Nota do orador.

*